



Capítulo – 10 de março de 2026

A experiência de Maria Eugênia em Notre-Dame



Queridas irmãs e amigos:

Desejo a todos uma feliz festa de Santa Maria Eugênia!

Alegra-me comemorar com gratidão, este ano, o 190º aniversário da **experiência de conversão de Maria Eugênia na Catedral de Notre-Dame**. Não foi simplesmente um



momento de consolo pessoal ou de intuição espiritual passageira; foi um encontro profundo com o Deus vivo, mediado pela pregação da Quaresma do Padre Lacordaire em 1836, que reorientou seu coração e transformou seu futuro, levando-a a redescobrir sua vocação cristã e religiosa. A própria Catedral de Notre Dame não é aqui um elemento acessório, pois evoca a tradição e a consagração, encarna a continuidade com tantas gerações de cristãos e moldou o sonho de Maria Eugênia de uma vida totalmente dedicada a Deus e à sua missão. É uma graça especial que neste dia 10 de março, nós – Irmãs, alunas e colaboradores missionários na França – tenhamos o privilégio de celebrar a Eucaristia da festa na catedral.

Para nossas reflexões deste ano, vou me concentrar, portanto, na experiência de Deus que Santa Maria Eugênia viveu em Notre-Dame, um encontro que se tornou o ponto de inflexão decisivo de sua vida. Santa Maria Eugênia fala dessa experiência de várias maneiras. De seus relatos, emergem várias intuições fundamentais.

A primeira coisa que me chama a atenção é que Maria Eugênia faz uma diferença entre ter sido tocada por Deus” antes, na Sagrada Comunhão, e **“ter ouvido a voz de Deus”** em Notre-Dame: “Deus havia... tocado primeiro minha alma na minha Primeira Comunhão, mas eu não compreendi. Foi em Notre-Dame que comecei a ouvir sua voz.”¹ Os sermões da Quaresma em Notre Dame foram a ocasião para interpretar e despertar nela a experiência de Deus. A graça implícita anterior agora se tornou explícita e mais real.

Sobre sua experiência em Notre-Dame, Maria Eugênia escreve ao Padre Lacordaire: “A graça me esperava lá. Suas palavras respondiam a todos os meus pensamentos, explicavam meus instintos, completavam minha compreensão das coisas, reavivavam em mim a ideia do dever e o desejo do bem, que estavam prestes a murchar em minha alma; me davam uma nova generosidade, uma fé que nada jamais poderia abalar.”² Maria Eugênia experimenta a **graça** como um **despertar interior ou uma iluminação**. Ela descreve o sermão de Lacordaire como a voz de Deus que respondia às suas perguntas,

esclarecia seus pensamentos, explicava seus instintos e completava sua compreensão. Isso se refere a uma experiência de Deus caracterizada por clareza interior e integração: a confusão dá lugar ao sentido; o instinto e a inteligência se harmonizam com uma fé que envolve toda a pessoa. Deus é experimentado como Aquele que conhece sua vida interior e responde¹ diretamente a ela. Sua experiência não é um momento emocional isolado, mas um processo estável de conversão: uma renovação do sentido do dever e do desejo moral, uma generosidade renovada e uma fé que ela acredita “que nada jamais poderia abalar”. Ela descobre Deus como uma força restauradora e estabilizadora, que reorienta sua vida para o bem quando ela estava “prestes a murchar”. Essa foi sua ***experiência fundamental de Deus***.

Em sua carta ao padre Picard, Marie Eugénie evoca os fundamentos de sua ***vocação cristã***: “Minha resolução a partir dessa época foi tornar-me séria e verdadeiramente cristã, não à maneira do mundo, mas à maneira do Evangelho.”³ Sua experiência de Deus em Notre-Dame a leva a uma redefinição radical da vida cristã. Sua determinação revela que encontrar Deus significa conversão: rejeitar uma religiosidade superficial e acolher a seriedade evangélica. Deus pede a vida inteira.

Em sua carta ao padre Lacordaire, Maria Eugênia também faz alusão ao despertar de sua ***vocação religiosa***: “Embora (...) meus primeiros pensamentos sobre a vocação religiosa tenham suscitado apenas seu sorriso, (...) eu estava realmente convertida e tinha concebido o desejo de dedicar toda a minha força, ou melhor, toda a minha fraqueza, a esta Igreja que, aos meus olhos, era a única que detinha, doravante, aqui na terra, o segredo e o poder do bem.”⁴ Descobrimos aqui uma espiritualidade na qual Deus age através das limitações e da fragilidade. A vocação não nasce da certeza humana, mas da humildade e do abandono interior. Embora reconheça suas hesitações iniciais – observando que suas primeiras reflexões sobre a vocação suscitaram apenas um sorriso –, ela experimenta, no entanto, uma profunda conversão interior. Sua experiência de Deus não a leva a uma segurança triunfante, mas a uma humilde oferta de si mesma: “dar toda a minha força, ou melhor, toda a minha fraqueza”. Isso resulta na firme convicção de que somente a Igreja “tinha [...] o segredo e o poder do bem”. Deus não é encontrado fora da comunhão eclesial; pelo contrário, a fé amadurece em uma pertença comprometida, inseparavelmente unida à vida e à missão da Igreja.

Como religiosa comprometida, Maria Eugênia voltava constantemente a esse início cheio de graça. Nos momentos de incerteza, de luta ou de discernimento, Nossa Senhora continuava sendo uma referência espiritual, um lugar de memória e renovação, onde sua coragem era restaurada e sua visão esclarecida. Ela fortalecia sua fidelidade e sustentava sua esperança, lembrando-a de que sua missão não era uma iniciativa própria, mas a obra de Deus que lhe havia sido confiada.

¹ Carta de Santa Maria Eugênia ao Padre Picard, n.º 1509, datada de 8 de novembro de 1862. Este texto também se encontra nos arquivos dos Padres da Assunção sob o número CL.DL N.º 103.

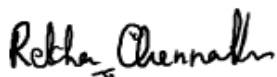
² Carta de Santa Maria Eugênia ao padre Lacordaire, vol. VI, n.º 1501, datada de 13 de dezembro de 1841.

Ao refletir sobre essas experiências fundamentais, somos convidados a fazer mais do que apenas lembrar a história de sua vida. Somos chamados a retornar à **graça original** que sustenta nossa vocação cristã e religiosa, a uma releitura atenta e a um discernimento da ressonância da voz de Deus em nossas próprias histórias. Quais são as experiências que moldaram nossa fé e esclareceram nossa vocação? Que momento, que lugar ou que período despertaram em nós a consciência do amor de Deus e de seu chamado, seja para a vida de discípulo ou para a vida religiosa? Em que momentos encontramos o Deus que transforma, que envia e que sustenta fielmente?

Qual é a tua experiência fundamental com Deus? Identifique e compartilhe uma experiência ou um evento que o transformou, no qual você pensa quando enfrenta dificuldades e questionamentos.

Voltando ao momento da nossa graça fundadora, tanto a nível pessoal como comunitário/familiar (escolas, centros sociais ou locais de missão), aceitamos, como Maria Eugênia, ser continuamente renovados na fé/zelo e comprometer-nos firmemente com a missão que nos é confiada neste momento da nossa história. Esses começos sagrados contêm os recursos espirituais de que ²precisamos hoje, fontes de cura, renovação e esperança que constroem uma sociedade cada vez mais justa, pacífica e profundamente enraizada no Evangelho. Esforcemo-nos por fazer sorrir Santa Maria Eugênia!

Com todo o meu carinho e orações!



Rekha M. Chennattu, RA
Irmã Geral

Auteuil, 5 de março de 2026

3Carta ao Padre Picard, n.º 1509, datada de 8 de novembro de 1862.

4Carta ao Padre Lacordaire, vol. VI, n.º 1501.